Nhanduí - Antropônimo Derivado de Aranha

GUARINO ALVES D'OLIVEIRA

Durante a ocupação holandêsa salientou-se no Rio Grande do Norte o tapúio Nhanduí, régulo dos **Tarairiú.** Maurício de Nassau em suas epístolas dirigidas ao **Conselho dos XIX,** referindo êsse amerígena grafava: **Jan de Wy.** Por seu turno Baerle escrevia **Jandovius,** em latim, e em holandês **Joham de Wy.**

Em Laet, diz-se: **Jandoy.** Em Rolox Baro, **Iandhuy.** Em Zacarias Wagner, **Jan de Wy.** Em Watjen, **Jandubi.** Em Jadocus há um **Jan Duwy.** E no Atlas de João Teixeira Albernaz, de 1627, consigna-se o lugar **Andui,** corrução de Nhanduí, no Rio Grande do Norte.

Estudiosos há que admitem para a palavra **NHANDUÍ** estas traduções: a) aranha pequena; b) ema pequena.

Guilherme Piso menciona três espécies de aranhas. A mais importante é a caranguejeira, revestida de pelos flexíveis, que o silvícola chama de **nhanduguaçu.** A segunda, menor, de corpo e pernas pilosas, chama-se **nhandiú I,** e com tal nome se designa a terceira, isto é, **nhandiú II,** em cujo dorso figura um rosto humano.

Quanto à caranguejeira, diz Gabriel Soares de Sousa: **"llaman nhanduasu que son mayores que los Cangrejos, muy belludas y pinzonosas las cuales acometen a la gente a saltos, y tiene dientes tan grandes como los ratones, y su mordedura es muy peligrosa, criandose en palos podridos y en las casas biejas".**

A grafia **NHANDIÚ** de Guilherme Piso deve ser engano. Corresponderá à **NHANDUÍ** de que trata Gabriel Soares: **"os índios chamam nhanduí, que são acostumadas em tôda a parte de que se criam tantas no Brasil, com a umidade da terra, que, se não limpam as casas muitas vêzes, não há quem se defenda delas".**

Gonçalves Dias, em seu **Dicionário** da língua tupi, menciona a aranha **Jundiahi,** "pequena e branca, — mata a planta em que assenta a teia".

Em Assunção, no Paraguai, existe a **nhandutí.** Roquete Pinto afirma que as mulheres confeccionavam uma renda a que chamam **nandutí:** "Às vezes, na sua simplicidade, parece que a renda se for-

mou por si mesma de flocos de espuma branca; outras vêzes, parece que as rendeiras gentis copiaram seus motivos das teias, que as aranhas distendem nas clareiras das matas".

Em síntese, consignam-se cinco grafias: **nhandu-guaçu — nhandutí — nhandiú — nhundiaí — nhanduí.**

Optamos pela aranha do rosto humano para o nome do régulo dos **Tarairiú.** Trata-se da mesma **nhandiú II** de Piso, com características próprias, conforme examinamos ao vivo, e de grande resistência. Normalmente conserva-se imóvel no centro da urdidura de sêda, de cabeça para baixo, de modo a usufruir-se da parte inferior do corpo como defesa. Efetivamente, ao ver-se atacada inclina-o para a frente, mostrando ao adversário um rosto terrível e belo, qual carapaça, lavrado a oiro e prata.

De acordo com o nosso estudo esquemático a aranha **Nhanduí** tem as seguintes características:

Tamanho do cefalotórax: 1,1/2 cm.
Côr da cabeça: — plúmbea.

CORES DO TÓRAX
(Máscara Mimética)

1. — Carapuça: dourada, c/ sobrolho e sub-rostro dessa dessa mesma côr.
2. — Olhos: prateados.
3. — Pálpebras: negras.
4. — Lábio superior: prateado.
5. — Lábio inferior: negro.
6. — Apêndice do maximar (palpos): castanho.
7. — Tórax, parte superior: prateado.

É muito resistente à picada do alfinete. Pode sobreviver depois de alfinetada na cabeça umas doze horas.

A nosso entender, a grafia de Baro, com relação ao régulo dos **Tarairiú**, isto é: **YANDHUY,** corresponde à original, porém não significa "ema pequena" como propõe apressadamente Alfredo de Carvalho e endossado por Luís da Câmara Cascudo em tese intitulada **O Brasão holandês do Rio Grande do Norte.**

A desinência **i**, ou seja "pequeno", está certa, conforme ensina Gonçalves Dias: esta letra, quando colocada no fim do nome substantivo resulta como diminutivo. No caso de Baro — **YANDHUY**, temos um exemplo ilustrativo: **O Diário da Navegação** de Pêro Lopes de Sousa. Referindo o capitão os sucessos de seu encontro com um silvícola **Carandin** no rio da Prata particulariza:

. . . **"e saió a nós hum homem, á borda do rio, coberto com peles, com arco e frecha na mão; e falou-me 2 ou 3 palavras guaranis, e entenderam-nos os linguas, que levava; tornaram-lhes a falar na mesma língua, nam entendeu; senam que era begucsa chanara e que se chamava Ynhandu".**

A dificuldade está em que a palavra **Yandu** tanto pode traduzir-se em "ema" coom em "aranha". Não se sabe o motivo pelo qual o silvícola aplicava essa palavra ao pássaro e ao araquinídeo. Todavia, acreditamos com reserva que o apelido foi dado à ema apenas porque esta corria à maneira da caranguejeira, tanto para a esquerda como para a direita. Dessarte, uma aranha — **nhandu** — muito grande — **guaçu.**

Marcgrav escreve: **"Nhandu guaçu brasiliensibus; Ema lusitania"**, e **"Nhandu sive varie araneorum especies"**. Por sua vez afirma Baerle: **"Nhanduguaçu, Aranea maxima. Tertudidum magne molis in littoribus copia est, quae ovis similia in arenis deponunt, rotunda, alba, & valida membrána tecta".**

Affonso de E. Taunay indica um rio em Mato Grosso denominado **Nhanduy.**

Diz: **entre a "foz do Pardo e a barra do Nhanduy-Açu havia duas grandes roças com grandes feijoal e bananal. Um pouco abaixo do salto do Cajuro mais dois moradores e na barra do Nhanduy-Mirim mais dois outros".**

O aumentativo e o diminutivo interessam a esses rios da era das monções bandeirantes — século XVIII, e não propriamente aos topônimos.

Aires de Casal consigna em Mato Grosso um rio chamado **Aranhay** ou **Aranianhy,** decerto grafias corrutas **de nhanduí. Afirma** o autor: **"O rio Mondêgo, aliás Embotateteú, originalmente Aranhahy,** ou **Aranianhy hé caudalozo, e navegavel athé perto da sua origem pouco distante da do Anhanduhy-guaçu".**

O nome "aranha" era muito comum. Servia para designar rios, lugares e pessoas. Almeida Prado cita um Francisco **Araduy,** na Paraíba dos primeiros tempos coloniais. Em S. Paulo há uma cidade **Arandu** De forma que todas estas modulações gráficas são provenientes do tupi **nhanduí** — aranha pequena, nome pelo qual atendia o chefe da cabilde **Tarairiú** do Rio Grande do Norte.

Sobre esse régulo deixa ver Johann Nieuhof que ele governava, além dos **Tarairiú,** uma parte dos **Caririú,** que tinha por chefe o Caracará ou Gavião.

Os súditos de Nhanduí, nômades no verão e sedentários no inverno, por isso fudando frequentemente de lugar, habitavam o poente do Rio Grande, ou melhor dizer, ao poente da sede da Capitania.

O General Carlos Studart Filho, erudito nessa materia, recordando Elias Herckmann, que divide os Cariri em **cariry-jous**, **cariry's-vasys**, e **tarairijus**, afirma que muitas dessas tribos "tinham conforme é sabido, dois ou mais nomes e estes, por vezes, sobrevieram concomitantemente, e chegaram aos dias atuais, dando a falsa impressão de uma pluralidade de tribos, em verdade, inexistente. Um era a alcunha, sempre pejorativa, que lhe impunham os vizinhos ou inimigos; e outra, o têrmo de que se serviam os membros do clã para o designarem. Assim, por exemplo, possuiam nomes diversos em língua tupi e em língua cariri duas das cinco nações que Laet, em seu livro, diz serem aliadas do cacique **Jandoim**. Eram eles os **Arikeumes** e os **Cariri-jous** chamados, em cariri, respectivamente, **Acikis** e **Ocienencious**".

De acordo com Nieuhof, os tapúias que "viviam nos limites extremos de Pernambuco chamavam-se **Cariris**, e eram governados pelo rei **Ceriou Keiou**". Corrobora a divisão de Herckmann, mas com o acréscimo dessa cabilde. Assim, a de Pernambuco governava o Keiou; a dos **Cariri Guaçu** (ou **caririjous**) o Carapoto; e as dos **Cariri** e **Tarairiú**, respectivamente, os chefes Karakará e Nhanduí.

Havia outras tribos, quase incógnitas, cujos chefes eram Prityaba, Arigpaygh, Wanassewajug, Tsering e Dremenge, segundo o testemunho do Nieuhof.

Estes nomes corrompidos pela necessidade do idioma — **glotologia** — dificultam tradições exatas. O **Prityaba** talvez seja composto do **parati** = mandióca + **iba** = emplumado; **Arigpaygh** lembra **ayria** = avô + **payg** = — pai; e **Wanassewajug** significa o pássaro **guanacé** + **guaçu**.

Observe-se agora o vocábulo **TARAIRIÚ**, túpico. Êste tem correlação com **taraíra**, que por sua vez e muito cedo transformou-se em **trairi**, nome aplicado a dois rios instáveis, um no Rio Grande do Norte, em 6.°S, e o outro no Ceará, em 3.°S.

Holandêses e portuguêses registam o caudal potiguar de diversas maneiras. Resenlaer escreve: **Tageryrich**; Marcgrav, **Tareiri**; e Baro, **Areytich**.

Na **relação das cousas do Rio Grande**, de 1608, publicada pelo Pe. Serafim Leite, S. J., há um **Taraíre**.

Estas modulações designam mais propriamente uma espécie de peixe, a "traíra", de água doce. Depreende-se que o peixe deu nome ao rio.

Gabriel Soares de Souza, por exemplo, fala em **tareyra**, o mesmo que "traíra", dizendo: **"pescado como el Muxil algo mayor, negro y de muchas espinas: pescanse a Cana en los Rios de agua dulce, y no tienen escamas"**.

Nos **Diálogos** das grandezas do Brasil indica-se o peixe **tararira**, de muitas espinhas: **"cria dentro da cabeça uns bichos"**.

O têrmo **Taraíra** e suas variações não são estranhos a outros Estados No Ceará as grafias mais antigas registradas para o moderno rio Trairi são estas: **tararí**, 1612; **taraíre**, 1628; e **tarairí**, 1629.

Compulsando uma das mais interessantes contribuições ao estudo da toponímia seiscentista do Rio Grande do Norte, isto é, o valiosíssimo **Treslado do Auto** de repartição das terras, etc., de 1614, encontramos estas grafias do nome Trairí:

Datas de terras	**Concessões**	**Topônimos**
N.º 90	02.11.1606	**Tarayra**
" 110	20.11.1607	**Atarayra**
" 118	25.07.1607	**Tarayre**
N.º 147	10.03.1610	**Tarairi**

Não sabemos explicar se as diferentes modulações gráficas procedem do próprio escrivão da Fazenda, Alfândega e Almoxarifado da Capitania, Pêro Vaz Pinto, que as trasladou do livro **antiguo** das datas de sesmarias. Mas o vocábulo correto é **taraíra**, primeiro da lista. O outro, **tarairí**, demonstra por si mesmo um começo de corrução ortográfica e dará o têrmo **trairí**, proveniente, por conseguinte, de **taraíra-í**, ou seja T(**a**)**rair**(**a**)**I**.

Exemplo ilustrativo pode ser encontrado em topônimo no Estado de Goiás, conservado até agora em sua grafia original: rio **Taraíra**, tributário do Apopari, ao norte da Vila Bittencourt, na fronteira com a Colômbia.

O apelido **TARAIRIÚ**, pelo qual atendia a cabilde do régulo Nhanduí, vincula-se a êste processo: **taraíra** = peixe + **i** = pequeno + u = comer. Salvo engano de nossa parte, a tradução será: **Comedor de traíra**, e, por conseguinte, como diria o General Carlos Studart Filho, uma alcunha pejorativa.